

Sobre cabarés, figurões e prostitutas em *A ferro e fogo I*, de Josué Guimarães¹

About cabarets, the big shots and prostitutes in *A ferro e fogo I*, by Josué Guimarães

Marcell Bocchese²
João Claudio Arendt³

RESUMO

Este trabalho analisa a obra *A ferro e fogo I: tempo de solidão*, de Josué Guimarães, valendo-se de um recorte que aborda as relações existentes entre a sociedade da época – representada aqui pelos personagens: Carlos Gründling, Dona Izabela e Major Shaeffer – e os cabarés de Porto Alegre no princípio do século XIX. Elaborar-se, inicialmente, uma síntese da obra, para que se tenha um apanhado geral do enredo do romance. Em seguida, elucidam-se os conceitos de verossimilhança, historicidade e romance histórico, a partir de teóricos como Candido (2010), Chaves (2004), Decca (1997) e Pesavento (2006), para que, na sequência, sejam analisados aspectos concernentes ao tema proposto. Esboçam-se, também, aproximações entre comunicação, literatura e história presentes no texto.

Palavras-chave: Josué Guimarães. Romance histórico. Imigração alemã. Cabarés.

ABSTRACT

This article analyses some relations between the society and the cabarets in Porto Alegre, in the early XIX century in the work *A ferro e fogo I: tempo de solidão*, by Josué Guimarães. Initially a synthesis of the work is elaborated. After that, some concepts of verisimilitude, historicity, and historic novel by researches such as Candido (2010); Chaves (2004); Decca (1997) and Pesavento (2006), and others are elucidate, so that issues regarding the proposed topic are reviewed. The text cites also the links between communication, literature and history.

Keywords: Josué Guimarães. Historical romance. German immigration. Cabarets.

1 Artigo recebido em 25-3-11. Aprovado em 27-4-11.

2 Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul/RS, Brasil. Mestrando em Letras, Cultura e Regionalidade pela UCS. Graduado em Jornalismo pela mesma instituição. *E-mail:* marcell@bocchese.com.br.

3 Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul/RS, Brasil. Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor no Centro de Ciências Humanas da UCS. Professor no Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS. *E-mail:* jcarendt@ucs.br.

Se examinarmos a história do Rio Grande, vamos notar que é uma história de uma riqueza excepcional para qualquer criação literária. É uma história que qualquer romancista adoraria. História de grandes amores, de grandes lutas, de grandes violências. História de gente que teve por missão marcar fronteiras. [...] Com a Cisplatina começamos a definir essas fronteiras. E tudo isso com grandes histórias. [...] Por trás da história, nas entrelinhas da história, podemos encontrar outras coisas muito mais interessantes, muito mais vivas, em que os combates não foram tão “combates”. (GUIMARÃES, 1988, p. 8).

Introdução

Em *A ferro e fogo*,⁴ o escritor Josué Guimarães, por meio de uma ficção nada laudatória e tampouco ufanista, recria o sistema de relações sociais da sociedade gaúcha localizada na atual região metropolitana de Porto Alegre, no princípio do século XIX. Com a criação de uma imagem histórica sobre um povo em constante formação, o papel do artista parece se desenhar às avessas ou, pelo menos, de forma distinta das tendências historiográficas sulinas dos anos 70 (séc. XX) já que, no relato ficcional de Guimarães, surgem personagens não mitificadas, anti-heróis com pouco vigor diante das imposições sociais e dos poderes vigentes.

No primeiro volume, *Tempo de solidão*, o autor problematiza as lutas cotidianas de personagens cujo destino não parece ser muito generoso, bem como desvenda disputas pelo poder e flagra momentos cruciais da família Schneider, que se encontra em ambiente hostil, praticamente obrigada a ocupar espaços que até então lhe eram completamente estranhos. A recém-imigrada família é composta pelo casal Daniel Abrahão e Catarina, e pelo filho Phillip, mas aumentaria mais adiante, com o nascimento, em terras brasileiras, de outros dois filhos: Carlota e Mateus. Em meio à Guerra da Cisplatina, jogos de poder e inúmeras outras turbulências, a principal tarefa da família Schneider parecia ser a da incansável luta pela sobrevivência.

Outro personagem importante da trama é Carlos Frederico Jacob Gründling que, desde as primeiras páginas do romance, é oposto à família Schneider, já que a engana ao oferecer trabalho vinculado ao contrabando de armas utilizadas na Guerra da Cisplatina. Ao aceitar a proposta, os Schneider deslocam-se para a região situada entre o Brasil e a Banda Oriental, hoje Uruguai, e lá iniciam nova vida, a qual não tardaria a arruinar-se.

Em território ao qual portugueses e espanhóis tinham livre acesso, Daniel Abrahão, acusado de contrabandear armas para ambos os lados envolvidos na guerra, mer-

4 *A ferro e fogo I*: tempo de solidão foi originalmente publicado em 1972. A trilogia, não concluída, possui ainda o segundo, *A ferro e fogo II*: tempo de guerra, publicado no ano de 1974.

gulha em depressão profunda. Com receio de ser enforcado por qualquer bando de soldados que aparecesse, esconde-se em um poço, onde permanece por longo tempo. Mas, se Daniel vive enterrado em profunda solidão subterrânea, *Frau Catarina* vive presa à solidão da superfície.

Frequentemente estuprada por soldados, *Frau Catarina*, cuidando do filho pequeno e do marido imerso no poço, vê-se obrigada, desde o princípio, a tomar a frente dos negócios e a encarar o problema da sobrevivência com austeridade. Com o fim da guerra, os Schneider retornam a São Leopoldo, onde haviam se estabelecido quando da chegada ao Brasil. Inicia, então, o processo de reconstrução da família, que abre uma série de empórios, passando a ser, com o passar do tempo e o sucesso da empreitada, concorrente de *Herr Gründling*, o antigo desafeto.

Nesse novo contexto, o acerto de contas entre *Frau Catarina* e *Gründling* parecia ser iminente, como fica claro nesta passagem:

Pensou, naquele momento, na figura alta e agitada de *Gründling*, a cara de fisionomia indefinida, os seus olhos sem nenhum calor humano. Soqueou em pensamento a figura imaginária, cortou-lhe o rosto com as unhas, como faria um gato ou um tigre, arrancou-lhe os olhos, viu as suas órbitas vazias. Um ódio que nunca sentiria em toda a sua vida e que jamais imaginara pudesse ter. (GUIMARÃES, 1998, p. 36).

Porém, não foi isso o que se configurou. Ao fim da trama do primeiro volume, ao ver *Gründling* saindo enlutado de sua casa, carregando o féretro da esposa Sofia, *Catarina* vê como impraticável sua vingança e apenas acompanha o cortejo fúnebre, soturna e sem pronunciar palavra alguma. O romance encerra em profundo silêncio e solidão.

Tendo em vista essa série de acontecimentos, acreditamos que o romance histórico teria justamente este papel: o de flagrar, à medida que se faz valer de metáforas e alegorias, uma nova gama de significados para uma determinada história. Ele teria, assim, a faculdade de iluminar a existência histórica, tal como o faz Josué Guimarães em *A ferro e fogo I*, cujo volume, *Tempo de solidão*, será objeto de análise neste trabalho.

Literatura e história: rupturas e interseções

Desde Aristóteles, em a *Poética*, história e literatura eram consideradas opostas, visto que a primeira estaria configurada como uma narração do que já havia aconte-

cido, e a segunda, como uma narração do que poderia ter ocorrido, mesmo que não houvesse comprovação. Em outros termos, conforme Díaz:

La historia concentra su atención en lo que sucedió, y con ello incrementa nuestro conocimiento del pasado colectivo; la literatura se preocupa, además, por lo que pudo haber sucedido, por lo que podría llegar a suceder, y con ello incrementa nuestro conocimiento de las posibilidades de la condición humana. (2008, p. 212).

O crítico Chaves também aborda a relação entre as duas áreas e tem praticamente o mesmo ponto de vista sobre o tema:

A Literatura não é a História; no entanto, ao nascer numa dada circunstância, implica sempre uma referência à História. A sua problemática essencial reside justamente aí; está na distinção entre a circunstância e a *historicidade* do texto, que a ultrapassa para desenhar uma *visão de mundo*. [...] A *historicidade* ocupa, portanto, o centro de qualquer discussão sobre o compromisso da Literatura. Ela dá conta, por um lado, da visão do mundo que o texto contém e, por outro lado, assegura sua vigência na experiência de diferentes leitores em diferentes momentos. (2004, p. 12-17).

Descompromissada cientificamente, a literatura possui maior liberdade quando comparada à historiografia, já que na ficção a verdade seria um instrumento apenas opcional e não a sua finalidade essencial. (ARENDE; CONFORTO, 2004). Nota-se, então, que tanto na história quanto na literatura existe uma consciência histórica, porém, somente a primeira tem pretensões de narrar o real.

Se a relação entre verdade e ficção foi pioneiramente apontada por Aristóteles, a verossimilhança também se faz pertinente nessa discussão e pode ser sintetizada da seguinte maneira:

Essas personagens se impõem a nós e participam da nossa *visão do mundo*, como se reais fossem. Aqui a precisão dos termos assume uma importância capital; e a esse fenômeno vamos chamar de *verossimilhança*, o similitudo do verdadeiro. A verdade da ficção ou da Literatura, como em qualquer campo do imaginário, reside na sua possibilidade de convicção. [...] Na fronteira da verossimilhança nasce, pois, a verdade da Literatura; mais do que isso, a verossimilhança passa a ser a categoria essencial de toda a construção fictícia. (Apud CHAVES, 2004, p. 9-10, grifos do autor).

Também Pesavento trata da questão do real na literatura e suas diferenciações em relação à história, construindo a seguinte reflexão acerca da verdade na ficção:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. [...] Para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto

não é o seu valor de documento, testemunho da verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. (2006, p. 8).

É no texto ficcional da literatura que as verdades da representação ou do simbólico são flagradas e insinuadas, sendo que “o texto de ficção literária é enriquecido pela propriedade de ser o campo por excelência da metáfora”, atingindo, assim, o não atingível, a “verdade do simbólico”. (PESAVENTO, 2006, p. 8).

Nos grandes textos literários, por exemplo, há uma transposição por meio de uma alegoria, em que se pode resgatar o texto de um determinado contexto histórico e colocá-lo em outro contexto, obtendo, desse modo, novos significados e interpretações. Segundo Chaves (2004, p. 17), “os grandes textos literários são justamente aqueles que possibilitam essa forma de atualização e sempre renovam ao serem percebidos em diversas perspectivas por diferentes leitores em vários momentos e lugares”.

No romance histórico, é o realismo que humaniza, que fornece verossimilhança ao texto. Segundo uma visão tradicional a respeito desse gênero, de Lukács,⁵ o romance histórico teria aparecido no século XIX, porém Burke (1997) afirma que, em sentido mais amplo, o gênero foi uma invenção do século XVII, a exemplo da chamada *nouvelle historique*, cujas histórias preocupavam-se em tratar de temas e personagens reais.

Burke propõe diversos períodos de aproximação e afastamento entre história e literatura, mas para o autor o momento crucial da relação entre as áreas se deu no século XIX, época do romance histórico clássico de autores como Scott, Manzoni, Hugo, Dumas, Tolstoi, entre outros, que “tentaram reconstruir o espírito de uma época, suas convenções culturais, algo que os praticantes de *nouvelle historique* do século XVII não haviam feito”. (1997, p. 111).

Na visão de Burke, hoje, história e literatura tomam a forma de “gêneros borrados”, parecendo claro para o autor que “é o desejo de uma história com uma face humana, em reação contra a macro-história, a história quantitativa e o determinismo (seja marxista ou estruturalista), que atirou os historiadores nos braços dos romancistas.” (1997, p. 114).

Deve-se ter presente que o papel do artista como criador de humanizações e representações é muito importante nas relações entre a obra literária e a sociedade.

5 *Der historische roman*, 1937; tradução em inglês [*The historical novel*], London, 1961. É tradicional a definição de romance histórico feita por Lukács (apud SANTOS, 1997), que diz que o gênero constitui um relato que problematiza a representação de mundo focalizada e que concede às referências históricas a condição de pano de fundo.

Sobre o papel social do ficcionista, Candido (2010, p. 83-84) ressalta que “o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um *papel social*”. (Grifo do autor). Dessa maneira, as relações entre o artista, o produtor de representações, e o meio social são dimensionadas por Bady da seguinte forma:

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor, possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, por que ele combina e cria ao devolver à realidade. (Apud CANDIDO, 2010, p. 28).

Já no que tange à função social de uma obra literária, Candido afirma:

A função social (ou “razão de ser sociológica”, para falar como Malinowski) comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade. (2010, p. 55).

A conclusão a que se chega é muito simples: a literatura não é a história, nem a história é a literatura. Entre ambas ocorre um processo de espelhamento marcado por distorções de natureza diversa, resultantes do modo como o artista e o historiador trabalham com a linguagem e se posicionam diante do mundo social. O literário e o histórico aproximam-se, mas nunca se fundem completamente porque são compostos por metais de natureza diversa: a literatura traz a essência da metáfora e da alegoria, da significação ambígua e intangível; a história baseia sua expressão na verdade quase sempre severa e mensurável das ciências acadêmicas. Mas isso não impede que ambas se encontrem, como velhas amigas, para falar sobre o tempo, as pessoas e as coisas...

Literatura e história em *Tempo de solidão*

No romance *A ferro e fogo I: tempo de solidão*, Josué Guimarães flagra as condições de vida de diversas personagens que, derrotadas ou vitoriosas, não passam de reféns das condições sociais vigentes no segundo quartel do século XIX, no Rio Grande do Sul. Também a prostituição, entre diversos outros elementos, desempenha papel bastante significativo no contexto daquela sociedade, sendo representada com seus cabarés, seus frequentadores e suas mulheres de vida “nada fácil”. Daí resulta o recorte do presente trabalho, que busca examinar relações de troca, de influência e

de dependência que se estabelecem entre os prostíbulos e alguns dos personagens da trama.

A sociedade representada em *Tempo de solidão* é composta por distinções étnicas, culturais e políticas, fato que por si já elucida uma série de embates entre os personagens. Até certo ponto da narrativa, o tempo era de guerra, sendo comuns os focos de luta armada espalhados pelo território ao Sul do continente americano. E duas passagens do romance em foco sintetizam o seu impacto sobre a sociedade gaúcha. No primeiro, situado no período da guerra, magotes de soldados são vistos por todas as partes:

A mobilidade da Guerra Cisplatina transformara Porto Alegre num entreposto de tropas, ora enotando os homens de Lavalleja que procuravam penetrar na Província de Bagé e São Gabriel, ora dando combate aos regimentos que intentavam conquistar Rio Grande e toda a costa. (GUIMARÃES, 1998, p. 94).

Já no período imediatamente pós-guerra, a situação não é muito diferente:

Soldados passando em bandos, arruaceiros, desmobilização sem ordem e nem comando, os botecos regurgitando de bêbedos, os armazéns pilhados, sacos de mercadorias levados nas garupas dos cavalos, ladrões fugindo a toda brida campo afora, desaparecendo por veredas e picadas, matos e rios. (GUIMARÃES, 1998, p. 97).

O caos instalara-se por toda parte, e o consumo de bebidas alcoólicas também tornara-se comum na vida de soldados, imigrantes, negociantes, funcionários públicos, que procuravam na bebida em si o efeito morfético para a crise vigente, ou que buscavam nas orgias etílicas do meretrício a satisfação de desejos puramente carnis. No romance, os prostíbulos eram frequentados principalmente por estancieiros, militares de alta patente e grandes comerciantes da cidade. A casa comandada por Izabela, agenciadora de prostitutas muito influente e conhecida pelas figuras masculinas da elite, era chamada “salão bailante”.

Relacionados a esse contexto, emergem personagens como *Herr Gründling*, Dona Izabela e Major Shaeffer. A relação do primeiro com os cabarés e, conseqüentemente, com prostitutas é muito acentuada no decorrer da trama e vem a diminuir apenas quando se apaixona por Sofia Spannenberger. Amigo íntimo do Major Jorge Antônio Shaeffer – secreto agente imperial que mantinha ótimas relações com Dona Leopoldina, então esposa do Imperador do Brasil, e que agenciara a vinda de inúmeros imigrantes europeus para o País –, Gründling mantinha com ele constantes negociações. O major frequentemente “traficava” prostitutas e presenteava Gründling com garrafas de vinho e rum provenientes do Velho Mundo:n “Cada navio que chegava ao

Rio trazia da Alemanha encomendas e presentes de Schaeffer: móveis, lampiões belgas, tapetes, roupas de cama e mesa, quadros, porcelanas e cristais, bebidas e licores, vinhos do Reno, queijos suíços e pratos.” (GUIMARÃES, 1998, p. 52).

Gründling, sempre muito orgulhoso da amizade com o major, contava que ele “foi tenente de ordens do Rei Kameaméa, geriu um negócio de russos e americanos; saiu de lá com ouro que daria para fundir alianças para todas as mulheres da Europa”. (GUIMARÃES, 1998, p. 11). Quando da sua vinda ao Rio Grande do Sul, eram frequentes as festas organizadas por Gründling em homenagem ao amigo visitante, regadas sempre com muita bebida e prostitutas. E quem figurava entre as intermediadoras dessas orgias era Izabela, a cafetina:

– Quantas mulheres essa tal de Izabela vai trazer?

– Quatro, o que você pediu – disse Gründling.

Não era exagero. Em Sitcha⁶ ele costumava reunir num só quarto oito mulheres. Mestiças especiais, pele da cor de azeitona. [...]

– [...] Se Izabela trouxer mulheres velhas tiro a roupa de todas e largo a cambada do lado de fora da porta, como nasceram.

Gründling pediu para que ficasse tranqüilo, Izabela era de confiança. Ouviu leves batidas, levantou o dedo indicador, alegre:

– São elas. Veja, estão chegando. (GUIMARÃES, 1998, p. 45-46).

O Major Shaeffer era um dos principais nomes da imigração alemã no Brasil, pois “enquanto as sumarcas despejavam aquela gente em Porto Alegre, Shaeffer ia recebendo do General Brant, em Londres, as barras de ouro prometidas em profusão pela Imperatriz Leopoldina”. (GUIMARÃES, 1998, p. 53). Como meros objetos de troca de influências, milhares de imigrantes alemães chegavam ao Sul do País ainda fadados à promiscuidade e ao fracasso, já que, na Europa, também estavam jogados nas ruas e bares de cidades como Hamburgo, por exemplo.

Pode-se dizer que, ao passo que inúmeros cidadãos teuto-brasileiros rastejavam na miséria e no anonimato, pessoas como Gründling – esse igualmente imigrado – gozavam de todos os privilégios existentes na sociedade da época, os quais eram frutos de relações de favores estabelecidas com governantes e militares, fato que mostra, nessa perspectiva, uma enorme diferença social entre os dois universos representados por Josué Guimarães no seu romance.

Assim, as constantes festas regadas com bebida e prostitutas promovidas na casa de *Herr* Gründling eram, também, formas de se construir relações de amizade com o inspetor da imigração alemã na capital, Almeida Braga:

6 Nas ilhas Sandwich, um dos lugares onde Shaeffer comandou soldados e rebeldes.

– Este aqui é o meu “amigo” Almeida Braga, Braguinha, para os íntimos, para quem eu havia prometido uma festa. Trata-se de pessoa importante, nosso inspetor de colonização. Apresento aqui Dona Izabela, senhora de grandes virtudes – todos riram, ele dizia “um senhorr” – e aqui as suas prendadas sobrinhas, todas elas moças treinadas para fazer com que um cristão chegue ao céu antes da data marcada. Enfim, senhor inspetor, moças de boa conduta na cama. (GUIMARÃES, 1998, p. 55).

Entretanto, após a entrada de Sofia Spannenberger na vida de *Herr Gründling*, despertando-lhe o desejo de casar – o que para os costumes de vida de Gründling, frequentemente envolvido em um ambiente promíscuo de bebedeiras, orgias e prostitutas, poderia ser considerado um paradoxo –, as constantes festas realizadas em seu casarão são transferidas para o bordel de Dona Izabela, cujos recursos eram provenientes do bolso do próprio Gründling e de outros comerciantes locais. Tanto era assim, que “o primeiro piano importado por ele não foi para a sua casa, foi direto para o salão bailante inaugurado por Izabela. O cego Jacob Heichert – o único que sabia tocar – embalava as farras de Gründling e seus amigos com titubeantes *Lieder* de Schubert.” (GUIMARÃES, 1998, p. 83).

Assim, os cabarés, ou os “salões bailantes”, como eram eufemisticamente denominados por Izabela, faziam parte da vida de inúmeras personagens criadas por Josué Guimarães em *Tempo de solidão*. Nos cabarés, comemoravam-se casamentos, nascimentos de filhos e até nomeações a altos cargos públicos ou militares, entre outros acontecimentos da vida social: “O Coronel estava duro no seu vistoso fardamento, cheio de dourados, grandes dragonas com franjas, os amigos orgulhosos, era preciso comemorar. Escolheram a melhor menina da casa, carregaram os dois para o quarto, aos gritos de felicidade.” (GUIMARÃES, 1998, p. 211).

Além de ser um lugar para o “lazer”, porque era no casarão velho da Ladeira de São Jorge onde personagens atuantes na vida pública realizavam seus encontros sociais, acontecimentos relacionados a importantes mudanças na vida coletiva também eram comemorados nos cabarés. Nota-se:

Àquela hora o salão já começava a receber a freguesia de sempre, Dolores tomando conta do negócio, os últimos soldados chegados da guerra tomando conta das mesas e das mulheres, iniciando pela décima vez a borracheira em comemoração pela paz. Lá estava Jacob batucando seu piano, a fumaça compacta dos palheiros, os palavrões e as danças com retinir de esporas. (GUIMARÃES, 1998, p. 115).

Como se vê, representados no romance de Josué Guimarães pelo “salão bailante” de Dona Izabela, os cabarés possuíam significativa importância. Até as mulheres imigrantes sem família, por exemplo, sem oportunidade de trabalho ou profissão, po-

deriam, facilmente, ser atraídas para a prostituição. É o caso de Sofia Spannenberger, futura esposa de Carlos Gründling, que ingressa na trama romanesca com cerca de 16 anos, em condições precárias de sobrevivência, “sob um vestido de lã que mais parecia um trapo, um balandrau sem cor e sem tempo”. (GUIMARÃES, 1998, p. 65).

A menina, abandonada por um homem com traços indígenas no centro de São Leopoldo, tornou-se logo vítima do falatório da cidade: “Uma velha disse que ‘ela devia ser uma dessas que fogem de casa para virar mundo, cada dia com um macho diferente’.” (GUIMARÃES, 1998, p. 65). Acudida pelo Dr. Hillebrand, foi apresentada a *Herr* Gründling, que, de imediato, tratou de cuidar da menina. Sem essa intervenção, a história de Sofia poderia ser a mesma de muitas outras mulheres da sociedade da época, conforme se pode perceber no comentário feito por Izabela, ao flagrar a moça já constituída e grávida de *Herr* Gründling:

Sofia caminhava lentamente, com dignidade. Izabela a pensar no dinheiro que faria uma menina dessas no seu salão. Bastaria tê-la encontrado antes de Gründling. Quase sem nenhuma pintura, seu rosto era perfeito. Os grandes e calmos olhos azuis contrastando com a roupa branca, os lábios entreabertos, fisionomia séria. (GUIMARÃES, 1998, p. 112).

Durante a trama, personagens como *Herr* Gründling e Shaeffer presenciam diversas mudanças sociais que, de alguma forma, contribuíram para que a vida de cada um fosse modificada. O que se percebe é que os cabarés, com suas orgias, bebidas e prostitutas, de algumas forma, sempre se fazem presente nas conquistas ou nas derrotas desses personagens.

Com a Guerra da Cisplatina encerrada, fato que ocasionou o fim de seus negócios mais rentáveis, Shaeffer encontra-se em marcada decadência. Os prostíbulos e a bebida parecem servir de fuga para o personagem. Da mesma forma, com a “queda” de Shaeffer, fato que culminaria com a sua morte, Gründling também vê os seus negócios com a imigração em risco: “Já se falava em insurreição dos alemães, uma calamidade para os negócios, onde essa gente tinha a cabeça, sabendo que diariamente chegavam novos presos que abarrotavam as cadeias.” (GUIMARÃES, 1998, p. 198).

Outras passagens poderiam ser trazidas à tona para aprofundar a discussão, mas, em razão da extensão pretendida para o presente ensaio, preferimos concluir este tópico reafirmando que os cabarés constituíam verdadeiros pontos de encontro da sociedade representada por Josué Guimarães em *Tempo de solidão*. Soldados, prostitutas, governantes, militares, cafetinas, comerciantes, homens de família, entre outros, convergiam para esses espaços em busca de prazer, companhia, negócios e outras formas de interação. Cumprindo uma função social importante no romance,

colocam por terra as imagens de um passado histórico idealizado como virtuoso, em que supostamente predominavam valores morais inquestionáveis.

Conclusão

Nas condições históricas de *Tempo de solidão*, flagram-se distúrbios emocionais e morais de personagens que se apresentam como reféns das forças sociais vigentes, cada qual com suas características específicas. No recorte proposto neste trabalho, o cabaré de Dona Izabela alegoriza um espaço onde relações de poder, sobrevivência e decadência incidem de forma significativa sobre alguns dos personagens.

Vítima do processo histórico existente, Gründling, por exemplo, realiza ações permitidas pelo próprio contexto social em que está inserido. Na totalidade das relações demonstradas, de vícios, jogos de poder e lutas cotidianas, pode-se dizer que tudo é relativo. Valendo-se de inúmeras metáforas e alegorias, Josué Guimarães (1998) atribui novos significados a um momento histórico, iluminando outra face da sua existência. No romance histórico do autor, o realismo humaniza os diversos personagens ficcionais, como Gründling, Izabela e Shaeffer, problematizando os seus mundos de forma verossímil.

Tal como acreditava Lukács (apud SANTOS, 1997), ao tratar do conceito de romance histórico, podemos afirmar que as referências históricas contidas no romance atuam como pano de fundo da trama ficcional. E, de acordo com o conceito de historicidade proposto por Chaves (2004), é possível concluir que Josué Guimarães (1998) busca ultrapassar a circunstância histórica para desenhar uma certa visão de mundo, estabelecendo-se, assim, o que o autor entende como sendo o centro da discussão do papel da literatura.

No que tange à verossimilhança, o que se percebe em *Tempo de solidão* são inúmeras possibilidades de coerência no amplo universo da trama em que se encontram os personagens. Dona Izabela, por exemplo, mantinha o seu “salão bailante” como única fonte de renda e, por isso, procurava sempre estabelecer boas relações com pessoas de consideráveis posses materiais. Conquistando e mantendo uma freguesia fiel, por vezes, ainda conseguia verbas para a restauração de seu “negócio”, mesmo que para isso precisasse negociar “matérias” humanas.

Gründling, na medida em que fazia investimentos no “salão bailante”, dispunha de privilégios perante outros clientes. Sempre que chegava ao salão, eram-lhe oferecidas as melhores mulheres e as melhores bebidas. Poderia, assim, levar para o cabaré seus melhores amigos e futuros sócios, presenteando-os com os mais prazerosos benefícios. Eram rela-

ções de troca, e ambas as partes sentiam-se beneficiadas. Se Dona Izabela tratasse bem os fregueses trazidos por Gründling, esse poderia sair vitorioso em suas empreitadas.

De acordo com Santos, é possível afirmar que em *Tempo de solidão* “a peculiaridade reside no fato de que a obra empresta à história o valor de uma categoria que transcende a vontade dos indivíduos. A ação e a dimensão das personagens ficam, assim, submetidas a fatos que lhe são externos e incontrolláveis”. (1997, p. 55).

No romance em foco, flagram-se situações em que personagens, em condições essencialmente humanas, impõem-se ao leitor e participam de sua visão de mundo. Conforme propunha Candido (2010), ao se referir à função social da literatura e ao olhar do historiador para a literatura, percebe-se que a obra *Tempo de solidão* desempenha o papel de estabelecer relações sociais, exprimindo o homem, sintetizando e projetando suas experiências, atuando de modo consciente e subconsciente sobre ele.

Assim, podemos mencionar que, em *Tempo de solidão*, essencialmente carregada de possibilidades de convicção quanto aos fatos narrados, já que utiliza artifícios da verossimilhança que, segundo Pesavento (2006), possibilita a leitura de diversas questões em uma temporalidade, subjetividade e comunicação encontram-se em congruência, já que, por meio de sua denúncia social, a obra divulga e reestabelece relações e diferenças sociais plenamente válidas para uma região em determinada época, comunicando ao leitor a visão que, por meio de sua subjetividade, exprime, sintetiza e projeta as experiências do ser humano. Assim, comprova-se o “papel social” (CANDIDO, 2010) do artista Josué Guimarães na obra supracitada.

Julga-se pertinente, aqui, tomar o pensamento de Menezes (2008, p. 39), que diz: “A comunicação pode ser considerada não apenas como forma de interação com o mundo externo, mas também com o universo interno das pessoas: a subjetividade.”

Nesse momento, julga-se importante esboçar o contexto, cada vez mais vigente, de aproximação entre as comunicações e as artes, esta última aqui representada pela literatura. Sobre esse tema, Santaella (apud MARQUES, 2009, p. 13) é pontual ao destacar “a impossibilidade de separação entre as comunicações e as artes, uma indissociação que veio crescendo através dos últimos séculos para atingir um ponto culminante na contemporaneidade”. É necessário ressaltar, também, que, segundo a *Enciclopédia Intercom de Comunicação*, “a comunicação se orienta no sentido de englobar discursos multidisciplinares e transversais, por isso, procedimentos narrativos oriundos das artes e da literatura são encontrados com fartura nos veículos de comunicação e no processo de informar”. (2010, p. 242).

A comunicação, então, deve ser entendida como um sistema que possui múltiplos aspectos, múltiplos autores e inúmeras ações. (BARBOSA, 2010). São essas ações, essencialmente humanas, que aproximam a comunicação da história, por exemplo, já que, ainda segundo Barbosa (2010), “sem ação humana não há história, nem no sentido mais estreito, nem na sua acepção mais alargada”. (p. 28). E é justamente essa ação humana, intensa em suas relações, que Josué Guimarães flagra em sua obra literária projetando nova luz nos acontecimentos.

Assim, como nos diz Schlegel apud Chaves (1999, p. 10), “o velho também se transforma continuamente sob a luz projetada pelo novo e adquire traços que não eram visíveis em nenhuma etapa anterior”. Percebemos, assim, que uma obra literária possui a importante qualidade de conseguir assegurar, como já dito anteriormente, “sua vigência na experiência de diferentes leitores em diferentes momentos”. (CHAVES, 2004, p. 17).

Em síntese, Josué Guimarães reorganiza ficcionalmente os fatos históricos, para contar a história da imigração alemã de maneira peculiar e, assim, poder desnudar facetas humanas inéditas acerca dos indivíduos envolvidos naquele processo.

A problemática comunicacional envolvendo o discurso oficial de um fato histórico é referida desde o início do trabalho e exemplificada no decorrer da pesquisa. Logo na epígrafe, por exemplo, Josué Guimarães é enfático ao dizer que, por trás da história, ou seja, em suas entrelinhas, podem-se encontrar coisas muito mais interessantes, muito mais vivas do que já fora anunciado. Assim, a visão de Josué Guimarães, indo além dos relatos científicos sobre o tema, alegorizando a história, torna evidentes inúmeros prejuízos e fragilidades que, se já estavam apagados dos discursos oficiais pela força das conveniências, criaram vida e agora se impõem aos leitores com a força das paixões que sempre moveram os indivíduos em todas as épocas da história humana.

Referências

ARENDRT, João Claudio; CONFORTO, Marília. Cruzamentos: a representação da história no texto literário. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (Org.). *Cultura Regional: língua, história e literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

BARBOSA, Marialva Carlos. Uma história dos sistemas de comunicação: balanço de um percurso teórico. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul: Educs, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010.

BARBIERI, Therezinha. Colonização a ferro e fogo. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Edipucrs, 1997. p. 27-37.

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: AGUIAR, Flávio et al. (Org.). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997. p. 107-115.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

_____. A história vista pela literatura. In: _____.; BATTISTI, Elisa (Org.). *Cultura Regional: língua, história e literatura*. Caxias do Sul: Educus, 2004. p. 9-18.

ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, 2010.

DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola pra você, Hayden White. In: AGUIAR, Flávio et al. (Org.). *Gênero de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997. p. 197-206.

DÍAZ, Leonardo Ordoñez. Historia, literatura y narración. *Historia crítica*, Bogotá, n. 36, p. 194-222. jul./dic. 2008. Disponível em: <http://historiacritica.uniandes.edu.co/pdf/descargar.php?f=data/H_Critica_36/012_tema_03.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2010.

GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo I: tempo de solidão*. 12. ed. Porto Alegre: L&PM, 1998.

_____. *A ferro e fogo II: tempo de guerra*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. *Autores gaúchos*. Porto Alegre: IEL, 1988.

HELENA, Lucia. Josué Guimarães, o resgate da solidão. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Edipucrs, 1997. p. 38-51.

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e literatura: modos de dizer. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul: Educus, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009.

MENEZES, Edleide Santos. *Leitura e ensino comunicacional de línguas na formação do professor de Espanhol LE*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras/Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.uib.es/catedra_iberamericana/investigaciones/documents/edleide.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Nuevos Debates*, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

SANTOS, Pedro Brum. A trama dos tempos: um conceito de história em *A ferro e fogo*. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Edipucrs, 1997.